REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

ROLINS, CARTAXOS E AFINS

GOMES DE FREITAS

Através das páginas da **Revista do Instituto do Ceará**, edição de 1965, o Sr. Joaquim Joaryvar Lôbo de Macêdo fêz reparos ao interessante trabalho — **"Rolins, Cartaxos e Afins"**, — de autoria do Dr. Mozart Soriano Aderaldo, que foi editado há 8 anos no mesmo órgão de publicidade daquele quase centenário Sodalício, de tão gloriosas tradições.

Vale registrar que o autor dos apontamentos sôbre as origens genealógicas das famílias **Rolins, Cartaxos e Afins** deu franquia ampla — "a quem quisesse corrigi-los ou supri-los", no que andou mui avisadamente, pois só assim de futuro terá êle a chance de tirar outra edição correta e mais completa de sua obra.

Homem de cultura, amante da verdade histórica, o Dr. Mozart Soriano Aderaldo, convicto da impossibilidade de conseguir obra perfeita atinente às raízes das velhas linhagens dos nossos sertões,. dada a dificuldade de pesquisas, que por serem afanosas, cansativas e insípidas, são, para muitos, pouco atraentes, e por isso o Dr. Mozart facultou aos que se dedicam ao estudo da genealogia cearense a apreciação de seu valioso trabalho.

Em face da liberdade de crítica construtiva que o Dr. Mozart concedeu aos seus leitores, o Sr. Joaryvar realizou esfôrço de proceder a buscas respeitantes à história daquelas famílias, conseguindo uma coleta de dados que lhe permitiu apontar com segurança vários equívocos no citado trabalho do ilustre membro do Instituto do Ceará. (**R.I.C.** — 1965, às págs. 334 a 337.)

Vale acentuar que as obras publicadas, até hoje, concernentes às origens dos clãs de nossa têrra, são, quase sempre, eivadas de enganos e omissões, que as defeituam, cuja culpa cabe ùnicamente ao apê-

go que os nossos linhagistas têm às versões que correm na tradição oral com fôrça de verdade, mas que nem sempre têm amparo nos velhos documentos.

É esta a conclusão a que se chega após a leitura das observações feitas pelo Sr. Joaryvar, em carta datada de 20 de março de 1965, procedente do Crato, e dirigida ao autor de — **"Rolins, Cartaxos e Afins"**, na qual indica, entre outros equívocos, o seguinte: que o verdadeiro nome da mulher do capitão-mor Francisco Xavier Ângelo é Ana Rita de São José e não Ana Rita Correia Lima, como — "aparece no trabalho de V.S. (refere-se o autor da carta ao Dr. Mozart), e igualmente no do padre Raimundo Rolim". (**R.I.C.**) 1965, à pág. 336.)

Está com a razão o jovem pesquisador dos Cariris. Aliás, adianto que há outros equívocos na obra já citada, pois à página 141, da R.I.C. edição de 1960, afirmou o Dr. Mozart Soriano Aderaldo, naturalmente apoiado na monografia do padre Raimundo Rolim de Morais, que eram o — "capitão-mor Francisco Xavier Ângelo e sua mulher Ana Rita Correia Lima, êle de Pesqueira (Pernambuco) e ela de Minas Gerais". Evidentemente o linhagista das mais importantes famílias dos Centro e Sul do Estado incorreu em erros no que concerne à naturalidade do paraibano de Mamanguape Francisco Xavier Ângelo e da cearense, natural da freguesia do Icó, Ana Rita de São José (e não Ana Rita Correia Lima como grafou o Dr. Mozart).

Um achado precioso, que na oportunidade veio a lume, o têrmo de casamento de Francisco Xavier Ângelo com Ana Rita de São José, esclarece a legítima naturalidade dos nubentes, bem assim revela os nomes dos seus genitores.

Para satisfazer à curiosidade do leitor, aqui transcrevo, respeitando a grafia, o referido têrmo do desposório, cujo lançamento se encontra no Livro da Freguesia de Nossa Senhora da Expectação, do Icó, existente no Arquivo da Diocese de Iguatu, e cópia em poder do Juiz Carlos Feitosa, às fls. 127 e verso, n.º 431. — "Aos desanove dias do mês de abril de mil setecentos setenta e três, pellas sinco horas da manham na matris, despensados os banhos por faculdade que para constar o Reverendo Vigario Felix Jozê de Morais, do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Callado, sem se descobrir empedimento algum e assistindo prezentes o Sargento Mor João Ferreira Lima e o Sargento Mor Antonio Ferreira Maya, em prezença minha, se cazarão solemnemente por palavras de prezente Francisco Xavier Angelo, natural da Freguezia de Mamanguape, de donde justificou menor idade e filho natural de Anna Maria Cardoza com Anna Ritta de Sam Jozé, natural desta Freguezia do Icó, e filha legitima do Sargento Mor Francisco de Oliveira Banhos e de Maria Jozê de Jesus, receberão logo as bensoins conforme o Ritual Romano e forão examinados na doutrina e para constar no mesmo dia supra declarado Lansey este asento, com as testemunhas asigney. André da Sylva Brandam, coadjutor."

O trabalho do Dr. Mozart Soriano Aderaldo nem por isso deixa de ser interessante e meritório, e os equívocos nêle encontrados são comuns a quantos rebuscam na distância dos tempos e na obscuridade das fontes as origens dos troncos das antigas famílias sertanejas.

AGRONOMIA E HUMANISMO

EDUARDO CAMPOS

São lúcidos, objetivos e gizados por um sentimento de compreensão humana de patriotismo, o livro que o Sr. F. Alves de Andrade (**Agronomia e Humanismo**, Imprensa Universitária do Ceará, 1967), acaba de entregar aos leitores brasileiros. O humanismo, que se opõe a tôdas as formas de desatendimento da criatura humana, tem sido, até agora, não apenas no estudo do aproveitamento agrário, mas nos mais diversos setores da atividade social uma forma débil, pouco corajosa, ou pouco fraterna, de estudar, compreender e incentivar a criatura.

F. Alves de Andrade não nos traz por assim dizer, filosofia nova; mas nos encaminha para aquêles princípios humanistas que não podem ser derrogados, e que desgraçadamente assim estão, diante da opção que o homem encontra na solução dos problemas de agricultamento aqui entendido como fórmula de retirar do solo o seu sustento, preservando-o sob a consciência de não o depredar.

Nesse volume, que é publicado por ocasião do cinqüentenário da Escola de Agronomia do Ceará, o autor de outros importantes trabalhos por nós relatados anteriormente, além de traçar, de maneira direta, em linguagem clara, a história da evolução da agricultura no Nordeste com a formação dos organismos estatais que agora existem para a sua sobrevivência; destacando, analisando, criticando a ação de alguns órgãos etc. etc. — depõe para os seus contemporâneos com uma linguagem que, sendo a de um técnico, não deixa de ser, em última análise, a de evangelizador.

Em tese, chega o autor à conclusão, de que é preciso descentralizar a atuação dos órgãos e da ação governamental na luta pelo crescimento econômico de nossa região; dá-nos o caminho da integração do homem nesse trabalho, no papel que o cooperativismo deverá exercer do esclarecimento e da formação de técnicos que não queiram ficar nas "ilhas", as capitais, mas que partam para as linhas de combate, de ação — e já agora a linguagem é nossa —, onde resta, desamparado, um trabalhador hercúleo, subnutrido, com a ca-

pacidade prodigiosa de duplicar pràticamente a sua produção agrícola sem ter o potencial de máquinas (tratores e implementos) de que dispõem outras regiões mais favorecidas.

O humanismo do Sr. F. Alves de Andrade exige, para o seu processamento em têrmo de querência, de solidariedade, que o médico, que o agrônomo, que o mecânico, que o técnico, não fique apenas na periferia do problema. Ao contrário, que êste se desloque, leve novas idéias, a cartilha — que esta, no nosso entender, vale muito mais, em certas ocasiões, pelo melhor instrumento de trabalho. Não se poderá estabelecer o equilíbrio da região, sem primeiro dotar o homem de uma razoável educação, colocando-o na nossa órbita, a do interêsse social, como se o preparássemos "comercialmente" para elevá-lo ao espaço, situando-o na lua. O nosso problema, no momento, é de consolidar em seu habitat, sòmente hoje estudado de maneira conveniente e olhado pelos governos — desde o tempo do ex-presidente Juscelino Kubitschek — como uma necessidade inadiável, primeiro pelos problemas sociais que a região pode produzir amiúde, segundo, pela oportunidade de conquistar um mercado subsidiário para a indústria amplamente aquinhoada que, através do confisco cambial, durante anos, elevou os padrões de vida do sul do país.

O livro do Sr. F. Alves de Andrade tem, portanto, êsse lado histórico. Traça-nos, meticulosamente, e sem cansar, todo o jornadear que se fêz no Nordeste, desde o tempo da I.F.O.C.S., abrangendo o nome de técnicos nacionais e estrangeiros, de providências particulares ou de instituições, até chegar aos dias atuais quando se tem um Banco do Nordeste, uma SUDENE, uma Carta de Brasília, e cresce em todos o interêsse pela área do polígono.

Ao autor a reforma agrária, como está imposta aos brasileiros — segundo também entendemos nós — tem seus pontos negativos, exatamente porque se processa consideràvelmente apenas o binômio homem-terra, ou melhor o sentido social da distribuição de solos, esquecendo os promotores desta, ou os autores de sua tese, que melhor reforma, como pretende o autor, deveria vir de cima para baixo, apanhando em suas malhas inicialmente os atravessadores, que exploram os pobres, os que firmados nos centros mais populosos, quer mascarados de industriais, quer mascarados de mercadores, ficam com a parte maior, decisiva, dos lucros.

Diz o Sr. F. Alves de Andrade, depois de analisar o Censo de 1960: "Disto resulta que apenas 31% do território nacional é a extensão ocupada pelos donos de terra. Restam ainda vazios 69%, a espera de serem apropriados e utilizados econômicamente."

Não é um livro ousado nem desaforado o do Sr. F. Alves de Andrade. Mas é obra corajosa, dizendo verdades que precisam e devem ser repetidas, advertindo aos jovens técnicos, à mocidade que se encaminha para as Universidades, que os problemas do mundo não começam num mundo distante mas aqui mesmo no Nordeste e que para êles é que todos nós, velhos e moços, devemos estar preparados.

O livro honra a literatura especializada do Brasil. Deveria ser leitura obrigatória para quantos se interessam pelos problemas de nossa região, mais vitais hoje do que nunca, principalmente para os estrangeiros que chegam ao Nordeste, muita vez, cheios de teorias, mas carecidos dessa centelha de amor ao próximo, dêsse sentido de humanismo cristão que oportunamente prega o autor.

Agronomia e Humanismo é livro para ficar, não só pela excelência das idéias expostas mas pelo exame crítico, real, que propôs para nossa realidade orgânica.

(Unitário, 21 - 1 - 68)

AGRONOMIA E HUMANISMO

LEITE MARANHÃO

Francisco Alves de Andrade oferece à cultura nacional o seu **Agronomia e Humanismo.**

É um trabalho notável, vazado em puríssimo vernáculo e estilo diamantino.

Como traduz o autor, o livro focaliza "problemas de política econômica e educação agrária".

Francisco Alves é um autêntico valor da geração contemporânea, brilhante e autorizado pela sua cultura e senso humanístico, evidenciados na estrutura e na dinâmica universitárias, e, bem assim, destacada expressão nos labôres profissionais, científicos e administrativos.

Daí, a pujança doutrinária e a trama filosófica que entrosam os problemas em tela, conduzindo-a a soluções práticas de cunho regional ante a responsabilidade que abroquela o momento nacional, através do órgão rotulado para o desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE.

Abrindo novos entendimentos ao sentido semântico de Agronomia, o autor define a situação universitária das ciências agronômicas como carreira de especialização profissional. Faz crítica inteligente à "confusão de conceitos nos têrmos agronomia, agricultura e zootécnica, registrados nos verbêtes de dicionários e enciclopédias", para conceituar numa síntese maravilhosa o complexo disciplinar, como se vê: — "Agronomia — Universo de conhecimentos que investigam e aperfeiçoam métodos, normas e técnicas, tendo em vista a exploração da terra pelo homem, através da planta e do animal, com destino a um estado melhor na sociedade humana."

Assim, pois, o autor unifica, no conceito de AGRONOMIA FUNDAMENTAL, as disciplinas em que se desdobra com objetivos afins: — Agricultura e zootécnica, comportamento lógico que visa "uma

harmonização gnológica" entre o respectivo universo de comunicações (dura melhor em ter-relações), conforme sugere Vidart.

Não me assiste autoridade para interferir na conceituação em aprêço, todavia permito-me insinuar uma terceira disciplina no âmbito universitário de AGRONOMIA — qual seja — ANTROPOLOGIA.

Aliás a insinuação está contida na definição do autor, quando diz: — "... normas e técnicas, tendo em vista a exploração da terra pelo homem"...

O homem, aqui, não é apenas propulsor de normas e técnicas, mas ainda: — o homem é, paradoxalmente, produto e produtor da fertilidade da terra, em seu próprio benefício, à terra deve estar entrosado por imperativo biológico das relações entre o indivíduo e o meio. E pois, a antropologia deve apropriar o homem à vivência campesina, dando-lhe qualidades e hábitos capazes de fixá-lo com interêsse ao seu habitat, sem o deslumbramento do urbanismo parasita e sedutor. Nisto está a formação psicológica do camponês, objetivo antropológico, requisitado pela dinâmica agrária. A AGRONOMIA, complexo fundamental, entrosará o homem à terra, através de normas e técnicas disciplinares que lhe possam oferecer confôrto físico, saúde e potencial econômico, como expressão de trabalho e produção.

É evidente que o autor já admite êste entrosamento imperativo quando titulou a sua obra na feliz conjunção de AGRONOMIA E HUMANISMO. Outro não é o sentido que lhe atribui, sublinhando problemas de educação agrária, que poderia situar-se com mais ênfase com a expressão orgânica de formação agrária.

Humanismo, aqui na sua trama filosófica, não é apenas expressão intelectual de cultura universitária, é, mais do que isto, segundo o pensamento do autor, o aspecto humano da sobrevivência, pela produção racional, técnica e apropriada, expressão dinâmica de economia rural, levada ao câmbio da economia política. "A importância desta iniciativa consiste não apenas em esclarecer ao que permanece, para muitos, ainda confuso, mas em tentar estabelecer, segundo a nova filosofia de valôres do desenvolvimento econômico e social, uma linha de ação, compatível com as aspirações da humanidade a um estado melhor". (Alves de Andrade).

É digna de louvores a iniciativa do autor, que num trabalho de rara substância, oferece ao mundo político nacional, especialmente à SUDENE, órgão político de ação construtora, a súmula de normas que se impõem para satisfação e desenvolvimento do Nordeste.

No capítulo — Novas Perspectivas — Francisco Alves formula e expõe o decálogo de suas sugestões, com base em premissas socio-econômicas de ampla visão ordenadora pela valorização do homem em função comunitária e integração das populações nordestinas no desenvolvimento da região. Diz o autor: — 1. valorizar os recursos humanos, incorporando-os no processo de desenvolvimento, para assegurar seu melhor aproveitamento e superação da resistência

dos programas e projetos a serem implantados; 2 — integrar as populações do Nordeste, através de uma crescente participação do processo de desenvolvimento. (Normas a seguir, pág. 180).

Sem dúvida: — é urgente a fixação das populações rurais ao seu habitat, proporcionando-lhes meios de sobrevivência e recursos compatíveis com o desenvolvimento do seu potencial econômico. Urge uma política razoável e certa, removida a asfixia da tributação oficial, antecipada, aos supostos propósitos dos institutos que se dizem assistenciais ao mísero camponês produtor.

E pois, o livro de Francisco Alves deve ser lido e meditado pelos valôres culturais do Nordeste e pelos homens do Govêrno, ministros de Estado, responsáveis pelos destinos desta grande pátria, que nasceu à sombra da Cruz redentora, mas ainda não se redimiu dos pecados originais à gana de exploradores. É uma advertência salutar e patriótica, é uma oblação de valôres que se perdem na aluvião de mediocridades ainda não removida pelos bons propósitos das reformas administrativas e das revoluções saneadoras.

Com a identidade de pensamento e afinidade cultural agrária, vai, para você, meu caro professor Alves de Andrade, o voto pela maior repercussão do seu excelente trabalho na consciência nacional, como é de esperar.

(O Povo, 23 e 24 — III — 1968)

UM LIVRO DE CARLOS STUDART

JOSÉ VALDIVINO

O jornalismo é uma escola de trabalho em superfície, pelo motivo mesmo do dinamismo que o caracteriza, impondo-lhe obrigações e urgências necessárias ao atendimento da curiosidade popular. A rapidez do linotipo irradiou-se e atingiu o homem moderno, obrigando-o, assim, a produções intelectuais ou a simples notas jornalísticas sem grandes profundidades.

Resume-se o homem de imprensa, por fôrça do seu mister glorioso, a reflexões e estudos sôbre um assunto ou problema social, ali mesmo ao matraquear das rotativas, o que só habilidade e inteligência conseguem defender de erros e senões. Para um trabalho, que exija "gabinete", recolhe-se o jornalista à sua biblioteca, onde no consultar de livros e notas, produzirá melhor. Essas observações vêem à tona pela leitura do último livro do Dr. Carlos Studart Filho, sob o título **Artigos de Podestá Ribeiro** que a Gráfica Henriqueta Galeno trouxe a lume, êste ano, com 136 páginas, numa bonita im-

pressão, que honra bastante aquêle parque livreiro. São trabalhos literários em número de quinze, excetuando o posfácio, todos conservando uma unidade, que se baseia na cultura e ilustração do autor.

O título provém de pseudônimo que Carlos Studart usou durante algum tempo, decerto por simples gôsto literário, e de cujo refôlho saiu voluntàriamente. "O horror do não-ser" é um trabalho filosófico, sôbre a finalidade humana, trazendo, ainda, aquela angústia metafísica, que nos confessa Farias Brito, no último capítulo do seu **Finalidade do Mundo** (1.º Vol.)".

E recordando o pensamento de poetas latinos, de filósofos antigos e de escritores portuguêses e poetas brasileiros, que trataram do terrível problema, escreve num desalento: "À maneira dos sêres, as obras escritas e os monumentos fúnebres acabarão também por perecer e resvalar para o nada..." (**sic.** p. 12).

Temos certeza de que o espírito brilhante de Carlos Studart se iluminará, ainda, daquela luz maravilhosa que ofuscou Agostinho e Tomás de Aquino.

Suas análises sôbre arte deixam ver o estudioso paciente, paciente e percuciente, viajando muito bem pelos dédalos das teorias e das escolas de Estética, revelando-se num e noutro mundos sua cultura sólida, seu humanismo rico proveniente de uma época em que a mocidade ia buscar as fontes dos seus conhecimentos na eterna ilustração dos clássicos, o que aliás deveria causar inveja aos de hoje, envolvidos por êsse tecnicismo, que pouco espaço deixa aos que desejam um pouco de ar e de beleza.

Minha ignorância atreve-se a comentar com o sábio articulista, no que toca à perfectibilidade da arte moderna. Opinamos que a arte contemporânea alcança a sua perfeição, no seu mundo teórico-histórico. No esfôrço que o homem despendeu, através das idades, para alcançar-lhe o mistério, com dinâmica dos seus sentimentos estéticos. Não sabemos, porém, se a arte tradicionalista, valendo-se da côr e sem angustiar a imagem, não viverá sua fase de perfeição?...

Êsse simplismo, essa nova figuração, êsses extremismos são reflexos da inquietação e da insegurança universal que atormenta o homem de hoje, afetando a pura sensibilidade artística. Aliás temos que considerar, no problema, aquela diversidade de "gostos" e de "gôsto", conforme a lição de Hélène Colbère em seu livro **Trois Leçons d'Esthétique**", p. 9.

Dá sabor a leitura do artigo sôbre História, assunto êsse já desencantado para o Dr. Carlos Studart, onde a pesquisa, a intuição analística tornam-no dominador do capítulo que lhe chega às mãos. Assim, o trabalho em tôrno do dadaísmo, o estudo crítico do livro do prof. Carlos Cavalcanti, onde a verruma do valoroso acadêmico

escalpela defeitos da obra, enriquecem o conjunto dêsses artigos lapidares.

Admiramos, nas páginas de Podestá Ribeiro o senso de dignidade e nobreza do espírito do autor que, fortemente, de azorrague em punho, fustiga o dorso prêto do imoralismo, na esfera da estética.

É verdade que mestre Tristão ensina que a crítica moralista "é a mais elevada das formas unilaterais da crítica literária. Nem por isso deixa de ser unilateral e muitas vêzes contraproducente". (Ver **Unitário,** de 21.04.1963). A crítica moralista de Carlos Studart Filho não é, entretanto, contraproducente. O articulista, à luz da história da literatura, condena, com desassombro, tanto a pornéia de sarjeta, quanto o desrespeito à moral no tema do romance como acontece com o romance naturalista, cuja temática aproxima-se demais do material, em detrimento humano, conforme opina Nélson Werneck Sodré, no seu livro alentado **História da Literatura Brasileira,** p. 308, 4.ª ed.

A propósito do tema delicado — moral e arte — pergunta o moralista luso José Agostinho: "Mas que é verdadeiro? É só o Concreto? Só a Forma? E que valem o Concreto, a Forma, se não exteriorizam o Espírito," (Ver **A Religião e a Arte,** p. 15).

No nosso entender, a melhor página, literàriamente comentando, é a que traz o título — "Homens-Lacraus" (p. 113). Lembra Coelho Neto, pelo aprumo da linguagem, e recorda Rui, pelo aticismo do estilo.

É bom destacar-se um ponto interessante nas peças do livro: é que o dicionário não é apenas um "pai-dos-burros", um fóssil de museu. É motivo de vivência, escavador de terreno, lupa de pesquisador, material de estudo comparado.

Temos que o jornalismo cearense encontra-se de parabéns por mais êste livro do historiador e acadêmico Dr. Carlos Studart Filho.

Damos-lhe nossos votos, também.

LIVROS NA VITRINE

PAULO BONAVIDES

F. Alves de Andrade. Agronomia e Humanismo. Problemas de Política Econômica e Educacional Agrária. Professor da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, membro do Instituto do Ceará e do Instituto do Nordeste, enge-

nheiro-agrônomo, jornalista e advogado, Francisco Alves de Andrade ocupa lugar de alta projeção no meio cultural cearense. Autor de obras de cunho científico, mostrou-se sempre estudioso indefesamente votado ao conhecimento da realidade econômica e social do Nordeste.

Não resta dúvida que há presentemente no Ceará uma das melhores gerações de analistas dos problemas sociais ligados ao meio rural nordestino. Homens como Renato Braga, Guimarães Duque, Jáder de Carvalho, José Denizard Macêdo, Abelardo Montenegro, J. C. Alencar Araripe, José Aurélio Câmara, H. Espínola e F. Alves de Andrade ostentam contribuições dignas de louvor e exame, relativas a investigação mesológica das causas configurativas do atraso dessa velha área flagelada pelo subdesenvolvimento e objeto já de medidas governativas, em plena execução, que prometem mudanças na estrutura econômica.

Em **Agronomia e Humanismo,** lançado pela Imprensa Universitária do Ceará, traça o Autor um quadro cautelosamente otimista acêrca da solução dos problemas de política agrária de tôda a região do Nordeste, desenvolvendo com brilho e coerência tese firmada na compreensão humanística da realidade social nordestina.

Agrada-nos sobremodo nesse trabalho a dominante preocupação educativa que o Autor recomenda aos que se acham no centro de decisão da política desenvolvimentista do Nordeste. Arredar-se aqui de uma reforma cultural que só a Universidade se mostra apta a promover, renovando a mentalidade das camadas dirigentes, educando o povo, o estudante e o trabalhador, e preparando todos para a tarefa comum e a nova ordem de coisas, significaria sacrificar tôda a arregimentação técnica e financeira — já em curso — da qual se espera saia no decênio vindouro o arcabouço de uma sociedade emancipada.

Economia e técnica, segundo o pensamento do sociólogo cearense, desamparadas de destinação social mais vasta, careceriam de sentido. Todo desenvolvimento deve construir-se com vistas ao homem, à realização de seus fins, ao progresso social, à paz das criaturas e à liberdade. Sem humanismo, ter-se-ia a alternativa da servidão tecnológica.

Preconiza F. Alves de Andrade uma sociedade solidarista em substituição da sociedade competitiva, uma agronomia tecnológica necessàriamente tributária de uma agronomia social, e põe o Nordeste na retorta doutrinária de Toynbee como região que tìpicamente cifra um desafio-resposta.

Nesse trabalho, enreda-se o técnico com o sociólogo e o sociólogo com o filósofo. E é êsse o fio, tão rico de observações e conceitos que, perpassando o livro, faz-lhe a unidade expositiva e conduz o lei-

tor a um agradável e instrutivo contacto com as questões vivas do Nordeste, contemplado sem aquela frieza com que o técnico se afeiçoa à "ótica do micro" e despreza a "ótica do macro" conforme lembra o autor.

Mas, a despreza por quê? Precisamente porque lhe míngua a preparação de humanista, não cursou a ciência social, não fêz nenhum lastro de cultura filosófica e, em conseqüência, se acha desaparelhado de conhecimentos para uma visão global e profunda do homem como destinatário dos frutos materiais da transformação iminente.

A fermentação da mudança no Nordeste estava a exigir os primeiros estudos de sistematização da política de rumos sociais. A igreja se mostra atenta a êsses problemas. O lado social do porvir na área nordestina pede que essas investigações se acelerem. A obra de F. Alves de Andrade é reconhecidamente das primeiras nesse domínio, sem embargo das imperfeições e fragilidade com que ocasionalmente os temas se acham soldados.

Sòmente um professor universitário, um sociólogo, um humanista, que fôsse do mesmo passo um técnico de capacidade em assuntos de agronomia, estaria em condições de escrever êsse livro, que abre no campo novas contribuições, segundo a pauta ali posta, que é a de vincular tôda essa esplêndida soma de fôrças desencadeadas para o desenvolvimento do Nordeste com a educação do homem nordestino, gerando no povo a mentalidade da participação, o entusiasmo criador, a consciência indeclinável de que aquilo que se está fazendo há de ser efetivamente uma revolução econômica e social e não a caricatura de mais um lôgro das classes intimidadas pela rebelião proletária do século XX.

Afirma Alves de Andrade que "a agricultura produtiva requer estímulos e será sempre a atividade do homem livre". Expondo certa ordem de idéias a respeito do problema da terra, escreve o autor de **Agronomia e Humanismo:**

"A reforma agrária no Brasil deveria situar em primeiro plano a promoção educativa do homem, em segundo, o associativismo agrário cooperativista, capaz de transformar a estrutura através da organização das comunidades em grandes cooperativas de produção de consumo, de beneficiamento dos produtos, realizando a comercialização em benefício do produtor rural."

Declara depois que "o Nordeste brasileiro tem sido uma vítima de conceitos e doutrinas que se filiam ao pessimismo crônico, enraizado na alma de muitos políticos e líderes responsáveis pelos destinos do País, mas rende homenagens à SUDENE e proclama o bom êxito dêsse organismo regional, cujas omissões, no entanto, o Autor aponta relativamente a:

"a) não adequação administrativa dos órgãos políticos locais, federais, estaduais, municipais ao desenvolvimento regional;

b) organização agrária e promoção agropecuária;
c) preços mínimos e comercialização;
d) abastecimento;
e) irrigação;
f) reequipamento e modernização das indústrias têxteis do Nordeste".

Ainda quando faz tais ressalvas, exprime êle inteira confiança no atendimento dêsses pontos em futuros programas do referido órgão.

Citando recentes palavras de D. Hélder Câmara sôbre os resultados concretos da ação empreendida pela SUDENE no Nordeste Brasileiro, Francisco Alves de Andrade assevera:

"Êste depoimento de Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, é aqui citado para documentar as impressões de um líder autêntico do Cristianismo na América, cuja palavra tem amplitude humanista para o mundo. Êle fala, assim, das igrejas, cujos púlpitos e altares, ontem, e sobretudo hoje, no ecumenismo, são cátedras que descem e vão até o povo."

O livro do Sr. F. Alves de Andrade, escrito em linguagem simples e desataviada, riquíssimo de informações e dados históricos e estatísticos, é também lição "que desce e vai até o povo", a análise que se oferece à meditação dos governantes, trabalho escrito com alma e humanismo, dêsses que não custam a intercadência de um bocêjo ou uma fadiga, pois se lêem com sofreguidão da primeira à última página.